



Metafísica do eu e psicologia da interioridade nas *Confessiones* de Agostinho de Hipona*

Gustavo Augusto da Silva**

Para citar este artigo: Gustavo Augusto da Silva. «Metafísica do eu e psicologia da interioridade nas *Confessiones* de Agostinho de Hipona». *Franciscanum* 182, Vol. 66 (2024): 1-24.

Resumo

Este artigo aborda a antiga reflexão sobre a filosofia agostiniana no que diz respeito a relação do sujeito com a interioridade, busca compreender o mote filosófico que permeia a ideia do eu e a fundamentação de uma possível psicologia agostiniana. Para tal empreitada, é essencial realizar uma breve revisão do conceito de metafísica e como essa disciplina atravessa, em um movimento ulterior, a filosofia ocidental do ser. A metafísica, que se mostra como a atividade primordial de todo o conhecimento, desempenha um encargo crucial no estudo do sujeito que busca o autoconhecimento,

-
- * Este presente estudo se apresenta no âmbito parcial de investigação do mestrado em Ciências da Religião (Pontifícia Universidade Católica de Goiás) em torno do pensamento de Agostinho de Hipona, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
 - ** Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; licenciado e bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás; membro do GT de Agostinho de Hipona e o pensamento tardo-antigo da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6929-7370>. Contato: gustavo85031342@gmail.com

pois o saber advém de uma racionalidade inerente ao ser humano. Agostinho foi tradicionalmente interpretado como um pensador com influências platônicas, neoplatônicas e essencialistas. No entanto, os pressupostos aqui evidenciados buscam mostrar como a metafísica agostiniana percorre um tipo de conhecimento que se inicia no ser, mas sem rejeitar a materialidade. A metodologia escolhida foi de caráter qualitativo com o aporte da obra *Confessiones* e algumas outras obras que consideramos basilares para o estudo do pensamento agostiniano.

Palavras-chave

Agostinho; Metafísica; Interioridade; Psicologia; Filosofia.

The Metaphysics of ego and the psychology of interiority in the *Confessiones* of Augustine of Hippo

Abstract

This article aims the ancient reflection on Augustinian philosophy regarding the subject's relationship with interiority, seeking to understand the philosophical theme that permeates the idea of the self and the foundation of a possible augustinian psychology. For such an undertaking, it is essential to conduct a brief review of the concept of metaphysics and how this discipline, in a subsequent movement, traverses Western philosophy of being. metaphysics, which presents itself as the primordial activity of all knowledge, plays a crucial role in the study of the subject seeking self-knowledge, as knowledge arises from a rationality inherent to the human being. Augustine has traditionally been interpreted as a thinker with platonic, neoplatonic, and essentialist influences. However, the presuppositions evidenced here seek to show how

Augustinian metaphysics encompasses a kind of knowledge that begins with being but without rejecting materiality. The chosen methodology was qualitative, drawing on the work *Confessiones* and some other works that we consider foundational for the study of augustinian thought.

Key words

Augustine; Metaphysics; Interiority; Psychology; Philosophy.

Metafísica del yo y psicología de interioridad de las *Confessiones* de Agustín de Hipona

Resumen

Este artículo plantea la antigua reflexión sobre la filosofía agustiniana con respecto a la relación del sujeto con la interioridad, busca comprender el argumento filosófico que permea la idea del yo y la fundamentación de una posible psicología agustiniana. La metafísica, que se muestra como la actividad primordial de todo el conocimiento, ejerce una función crucial durante el estudio de un sujeto que busca el autoconocimiento, puesto que el saber proviene de una racionalidad inherente al ser humano. Agustín fue tradicionalmente interpretado como un pensador con influencias platónicas, neoplatónicas y esencialistas. Sin embargo, las presunciones aquí reflejadas buscan mostrar como la metafísica agustiniana percorrer un tipo de conocimiento que inicia en ser, pero sin rechazar la materialidad. La metodología elegida es de carácter cualitativo con la contribución de la obra *Confessiones* y algunas otras obras que consideramos fundamentales para el estudio del pensamiento agustiniano.

Palabras clave

Agustín; Metafísica; Interioridad; Psicología; Filosofía.

Introdução

Na história do pensamento ocidental aparece Agostinho de Hipona (354-430 d. C.), figura proeminente dos primórdios do Cristianismo, que teve uma contribuição significativa na metafísica como disciplina. Seu trabalho filosófico e teológico influenciou consideravelmente a compreensão metafísica do cosmos, de Deus, da alma e da noção de sujeito como eu.

Em sua obra magistral, *Confessiones*¹, Agostinho explorou sua própria jornada espiritual, delineando conceitos fundamentais sobre a natureza da realidade e do sujeito². Inspirado por correntes filosóficas anteriores, Agostinho desenvolveu uma visão metafísica que unia elementos dessa filosofia à teologia cristã. Luiz Felipe Pondé escreveu sobre as *Confessiones*:

É um livro que narra um encontro com o Deus cristão, sua potência, sua doçura e sua presença, muitas vezes não percebida justamente pela discrição que caracteriza esse Deus. A máxima judaica «Deus está no detalhe» é a assinatura espiritual das *Confissões*. Agostinho descreve aqui sua visão de como a graça se manifesta³.

Agostinho apresentou uma ontologia na qual Deus é a fonte e o fundamento da existência. Seus argumentos permeiam a ideia de que todas as coisas derivam de Deus e estão intrinsecamente interligadas com o divino⁴. A concepção da alma como imortal e inerentemente ligada a Deus é um ponto central de sua filosofia.

.....

1 À medida que as obras dos autores antigos foram posteriormente compiladas em edições padrão, foram feitas divisões: organizadas em capítulos e subseções. Neste trabalho, para as obras de Agostinho seguiu-se a prática de citação clássica, para que os leitores possam localizar trechos em diferentes traduções. Ao final, na lista de referências, há uma tradução em português para cada obra citada e, nas notas de rodapé, há o original latino para cada citação.

2 Cf. Agostinho, *Confessiones*, X, XVII, 36.

3 Luiz Felipe Pondé, «O olhar da graça», In *Confissões* Vol. 1 (Rio de Janeiro: Petra, 2020), p. 11.

4 Cf. Agostinho, *Confessiones*, I.

Agostinho é, assim, uma figura pivotal na história da metafísica e suas contribuições continuam a ser objeto de estudo e análise na atualidade. A metafísica, na filosofia e teologia de Agostinho, apresenta-se como teologia e ontologia. Os pressupostos aqui apresentados anseiam colocar a metafísica do eu como disciplina primária dos estudos agostinianos. A hipótese apresentada implica que apenas através de um exercício da interioridade o sujeito é capaz, com o auxílio da razão, de prosseguir na ciência⁵, porque a verdade se encontra na alma.

1. «Conheça a ti mesmo»: Teoria do conhecimento

A teoria do conhecimento de Agostinho apresenta elementos complexos e, por vezes, controvertidos⁶. Porém, algo que é definitivo em toda sua obra é a máxima anunciada nos *Soliloquia*⁷ – considerada uma das primeiras obras após sua conversão em 386 –: «Desejo conhecer a Deus e a alma. Nada mais? Absolutamente nada»⁸. Essa perspectiva inclui, de maneira inequívoca, o chamado imperativo socrático «conhece-te a ti mesmo» e está profundamente enraizada na extensa tradição de pensamento platônico e neoplatônico sobre a alma e suas interações com o mundo externo.

Não se sabe, pelo tomo das *Confessiones*, se Agostinho leu as obras de Platão por via direta ou se apenas tomou contato com neoplatônicos como Plotino. No livro sétimo das *Confessiones* escreveu que teve contato com os livros dos platônicos: «Me providenciaste por meio de

5 Aqui colocado como επιστήμη. Nas palavras de Abbagnano: «Conhecimento que incluía, em qualquer forma ou medida, uma garantia da sua própria validade». Nicola Abbagnano, Dicionário de Filosofia (São Paulo: Martins Fontes, 2018), p. 157.

6 Cf. Antonio Pieretti, «Conhecimento», In Agostinho através dos tempos, ed. Allan D. Fitzgerald (São Paulo: Paulus, 2018).

7 Apesar do título da obra terminar em *ma*, o que, em português, muitas das vezes, caracteriza palavras femininas, *soliloquia* é o neutro plural de *soliloquium* – o que já nos indica o uso da flexão do pronome no masculino. Por se tratar de um tomo com dois livros Agostinho assim os intitulou, o que poderíamos traduzir por *Monólogos*.

8 Agostinho, *Soliloquia*, I, II, 7. «Deum et animam scire cupio. Nihilne plus? Nihil omnino».

um homem intumescido por enorme orgulho uns livros platônicos⁹, traduzidos do grego para o latim»¹⁰. Na obra *De Beata Vita* – escrita no retiro de Cassiciaco¹¹ – há outra menção à escola platônica de pensamento: «E tendo lido algumas poucas obras de Platão, de quem considero seres um grande estudioso [...]»¹². O curioso para nós é que a tradução brasileira, realizada por Enio Paulo Giachini traduziu *Plotinis* por «Platão». De fato, como elucida Frederick Van Fleteren:

O termo *Platão* e seus cognatos aparecem 252 vezes nas obras de Agostinho. Entretanto, Agostinho possuía modesto conhecimento de grego. Por exemplo, mesmo em sua maturidade, ele podia criticar as traduções latinas da Bíblia em relação ao grego, mas não mais que isso¹³.

Assim, é possível inferir que Agostinho possuía uma familiaridade limitada com as ideias filosóficas de Platão, primordialmente adquirida por intermédio de fontes secundárias. Parece plausível que ele tivesse acesso a obras específicas, como *Fédon* e *A República*, por meio de enciclopédias, doxografias ou estudos elaborados por outros autores.

9 No original latino é posto a seguinte frase: *quosdam Platoniorum libros ex Graeca lingua in Latinam versos*. Que fala de forma genérica que eram apenas livros dos Platônicos, sem autores definidos. É possível encontrar essa versão no site <<https://www.augustinus.it>> e no site do «Project Gutenberg», <<https://www.gutenberg.org>>. Porém, existe uma outra versão que substitui uma palavra da frase anterior, o *latinam* por *latinum*. Essa versão foi editada por James J. O'Donnell e pode ser encontrada em <<https://faculty.georgetown.edu/jod/latinconf/latinconf.html>>. As variações observadas nas formas *latinam* e *latinum* são uma consequência da concordância gramatical em latim relacionada ao gênero dos substantivos envolvidos na frase. Na oração em questão, *latinam* é uma forma do acusativo singular feminino, que concorda com o gênero feminino da palavra *lingua*, enquanto *latinum* é uma forma do acusativo singular masculino, concordando com o gênero masculino do substantivo *versus*. De fato, essa nota faz-se mais a título de curiosidade etimológica do que de mudança de sentido filosófico.

10 Agostinho, *Confessiones*, VII, IX, XIII. «Procurasti mihi per quemdam hominem immanissimo typho turgidum quosdam Platoniorum libros ex Graeca lingua in Latinam versos».

11 Este retiro ocorreu por volta do ano 386 d.C. Nele, Agostinho escreveu as seguintes obras: *Soliloquia*; *Contra Academicos*; *De Beata Vita*; *De Ordine* e *De Quantitate Animae*. São os diálogos da juventude agostiniana. Cf. James O'Donnell, *Augustine: A new biography* (New York: Haroer Collins Publishers, 2006).

12 Agostinho, *De Beata Vita*, I, I, 4. «Lectis autem Plotini paucissimis libris, cuius te esse studiosissimum accepi».

13 Frederick Van Fleteren, «Platão/Platonismo», In In Agostinho através dos tempos, ed. Allan D. Fitzgerald (São Paulo: Paulus, 2018), p. 787.

Platão postulava a existência de dois reinos distintos, um abstrato e outro perceptível, este último a ser uma representação do primeiro. Conforme a perspectiva platônica, uma apreensão genuína da própria existência conduziria o indivíduo em direção ao mundo inteligível¹⁴.

Para Agostinho, de acordo com essa tradição filosófica, os fundamentos primários do conhecimento estão arraigados na sensação, nas entidades sensíveis ou nas representações mentais. Contudo, compartilha a convicção platônica de que os objetos da sensação, em virtude de sua mutabilidade intrínseca, não podem conferir um conhecimento seguro e absoluto. Assim escreveu:

Gradativamente subi dos corpos para a alma que sente através dos corpos, e daí para a faculdade interior à qual os sentidos exteriores do corpo trazem as informações [...]. Então, verdadeiramente *tua realidade invisível se tornou inteligível para mim pelas coisas que foram criadas*¹⁵.

A mostra de que Agostinho é descendente de uma tradição platônica serve-nos para eleger sua predileção por uma repulsa das coisas materiais. Não obstante, essa ideia não é a única a ter influência sob o hiponense. A verdade se manifesta no domínio intrínseco da alma. Desse modo, as obras dos filósofos platônicos orientam o jovem Agostinho a dirigir sua atenção para o interior de si mesmo, em direção à sua própria alma, na busca pela verdade que não pode ser plenamente encontrada nas coisas exteriores¹⁶. Existe um longo caminho na conversão de Agostinho até o cristianismo, que o fará

14 Cf. Paulo César Nodari, «A doutrina das ideias em Platão», Revista de Filosofia Síntese, n. 101, v. 31 (2004), acessado em 14 de nov. de 2023. Doi: <<https://doi.org/10.20911/21769389v31n101p359-374/2004>>.

15 Agostinho, *Confessiones*, VII, XVII, 23. «Atque ita gradatim a corporibus ad sentientem per corpus animam atque inde ad eius interiorem vim, cui sensus corporis exteriora nuntiaret [...]. Tunc vero *invisibilia tua per ea quae facta sunt intellecta conspexi*».

16 Cf. José Reinaldo F. Martins Filho, «Do problema do mal à alegria de ser como dom: um comentário ao De libero arbitrio de Agostinho», Brasiliensis: Revista do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater, n.13, v. 7 (2018).

a crer em um mundo inteligível e na soberania da alma sob o corpo – caminho esse trilhado pelos sermões e conversas com Ambrósio, embates com os maniqueus, leitura de Cícero, uma vida desregrada e boêmia, retiro de Cassiciaco *et cetera*. Ao passo que, nas *Confessiones* declarou:

Mas, incitado, por aqueles livros a voltar para mim mesmo, penetrei no meu íntimo conduzido por ti, e consegui porque tu *te tornaste meu auxílio*. Penetrei e vi, pelo olhar de minha alma, pelo que vale, acima do próprio olhar de minha alma, acima de minha mente, uma luz imutável, não esta luz ordinária e visível por qualquer carne, nem uma maior, mas do mesmo gênero, como se brilhasse com muito mais claridade e ocupasse todo o espaço; não era assim, mas diferente, bem diferente de tudo isso. E não estava acima de minha mente como o óleo está sobre a água ou o céu está sobre a terra, mas era superior, porque me fez, e eu inferior, porque fui feito por ela¹⁷.

No trecho acima, Agostinho compartilhou uma experiência singular de espiritualidade desencadeada por tudo o que havia experienciado até então. O símbolo da «luz imutável» é central em sua narrativa e representa a Verdade que está além das percepções físicas e mentais ordinárias. Essa luz é descrita como algo completamente distinto de qualquer experiência sensorial. A ênfase recai na natureza incomparável dessa iluminação, que não pode ser equiparada a qualquer outra forma de luz. Agostinho a viu como algo não apenas superior a ele, mas também como a fonte de sua própria existência.

17 Agostinho, *Confessiones*, VII, X, 16. «Et inde admonitus redire ad memet ipsum intravi in intima mea duce te et potui, quoniam *factus es adiutor meus*. Intravi et vidi qualicumque oculo animae meae supra eundem oculum animae meae, supra mentem meam lucem incommutabilem, non hanc vulgarem et conspicuam omni carni nec quasi ex eodem genere grandior erat, tamquam si ista multo multoque clarius claresceret totumque occuparet magnitudine. Non hoc illa erat, sed aliud, aliud valde ab istis omnibus. Nec ita erat supra mentem meam, sicut oleum super aquam nec sicut caelum super terram, sed superior, quia ipsa fecit me, et ego inferior, quia factus ab ea».

Ao descrever que essa luz não estava «acima de sua mente» de maneira convencional, Agostinho destaca sua transcendência em relação à mente humana. Ela não é algo tangível ou externo, mas uma essência que o moldou e o guiou. Em outro lugar pude realçar esse problema:

O cristianismo foi o que mais correspondeu às buscas de Agostinho. Segundo o hiponense, todos aqueles que buscam a verdade encontrarão, de certa forma, Deus em seu interior. Desse modo culmina a relação teológica e filosófica agostiniana. Deus não está apenas como fundamento ontológico humano, mas como ser relacional, que auxilia no percurso da vida terrena. [...] Agostinho encontra bases para uma espiritualidade pautada nesse encontro interior com Deus. O Sumo Bem habita no indivíduo e há uma centelha dele nas outras criaturas. A partir disso, distancia-se de Platão e teoriza não o desprezo ao corpo e à matéria, mas a busca pelo conhecimento de como utilizar da matéria corruptível para fruir do incorruptível¹⁸.

Esse distanciamento, descrito na citação acima, acontece através de um importante conceito de todo o pensamento agostiniano: *Uti Fruique*. É preciso saber usar as coisas materiais e corruptíveis para o fruir das coisas imateriais e incorruptíveis. *Fruir* implica amar intrinsecamente um objeto, enquanto *uti* envolve direcionar sua função para o propósito do usuário ou do próprio objeto ou coisa¹⁹. Em sintonia com a visão cristã da criação, a ontologia de Agostinho postula que todos os seres possuem uma natureza essencialmente boa, derivada do Sumo Bem, que é Deus. A espiritualidade, segundo Agostinho, se traduz no uso apropriado dos bens materiais para encontrar a satisfação em Deus²⁰.

18 Gustavo Augusto da Silva, «Um coração inquieto: Agostinho de Hipona e as Confessiones, uma espiritualidade vivencial», In *EspiritualidadeS: múltiplos olhares*, ed. Clóvis Ecco; José Reinaldo F. Martins Filho (Porto Alegre: Editora Fi, 2022a), p. 131-132.

19 Cf. Agostinho, *De Doctrina Christiana*, I, IV, 4.

20 Cf. Gustavo Augusto da Silva, *De Homine in Civitate: a concepção antropológico-política de Agostinho de Hipona* (Porto Alegre: Editora Fi, 2022b).

2. In interiore homine habitat veritas

Surge, assim, na filosofia agostiniana uma correlação entre a vida interior e a adequada utilização dos elementos do mundo exterior. Para Agostinho, Deus nos guia internamente e habita nos recessos mais profundos da alma²¹. Aqueles que cultivam uma relação íntima com seu mundo interior adquirem maior discernimento para lidar com as complexidades da vida exterior.

Agostinho é fundador de uma tradição filosófica e ocidental do conceito de interioridade. Para ele, existe no sujeito uma dimensão espiritual, entendida aqui não nos modelos contemporâneos de senso estático de lugar, mas como um mote da própria subjetividade. A ideia de intencionalidade (*intentio*) é a relação agostiniana entre o mundo material e o imaterial. O acesso à interioridade não acontece através de uma não-perturbação às coisas corpóreas e exteriores, mas de um duplo movimento de entendimento da razão sobre si.

Essa visão interpreta a existência da interioridade como um equilíbrio complexo entre duas tendências opostas: uma de índole expansiva, que almeja a ampliação na multiplicidade do universo externo; a outra, de índole unificadora, movida pelo anseio constante de um grau maior de unidade, expresso como *extentio animae*. *Intentio* representa o dualismo direcionado que guia este último movimento, que se projeta ao mesmo tempo para o universo externo e para o interior, na busca de uma elevação ascética. Desse modo, corrobora Luigi Alici:

A orientação ascendente da *intentio* adquire não só relevância ético-espiritual, enquanto individua uma via de liberação da desordem do pecado, mas também forte valência antropológica e ontológica, enquanto exprime uma fundamental capacidade do

21 Cf. Agostinho, *Confessiones*, IX.

espírito humano, que vincula uma abertura metafísica à própria atitude reflexiva²².

Há um movimento duplo tanto da razão como do corpo rumo às realidades inferiores e superiores²³. Esta busca por um lugar unificador na interioridade é o que tratei como «ser de possibilidades»²⁴ e James K. A Smith como «coração em fuga»²⁵. São conceitos relacionados à falta ontológica que há nas criaturas. Os seres vieram do Criador, mas não são duplicatas dele. Deus fez a criação a partir do nada e de si. Essa origem metafísica é o princípio da mutabilidade das criaturas, como comenta o grande estudioso da metafísica agostiniana, Étienne Gilson: «Ora, o que vem do nada não participa somente do ser, mas do não ser. Logo, nas criaturas há um tipo de falta original que, por sua vez, engendra a necessidade de adquirir e, conseqüentemente, de mudar»²⁶.

Deste modo, a vida é um emaranhado de movimentos, tanto internos como externos, que possibilitam o agir do ser com meta de perfazer-se. É uma estrada em que cada indivíduo possui um mapa em branco. Outra vez reporto-me ao que comentei em outra oportunidade:

Nos leva a refletir que o homem é um indivíduo em aberto, que vai se perfazendo ao longo da vida, porque sua natureza procura uma plenificação do ser, seu fim não está dado efetivamente pela natureza. Ele possui uma disposição própria, vai escolhendo livremente, cheio de possibilidades²⁷.

22 Luigi Alici, «Intencionalidade», In In Agostinho através dos tempos, ed. Allan D. Fitzgerald (São Paulo: Paulus, 2018), p. 557.

23 Cf. Agostinho, *De Trinitate*, XIII, III, 3.

24 Gustavo Augusto da Silva, *De Homine in Civitate: a concepção antropológico-política de Agostinho de Hipona* (Porto Alegre: Editora Fi, 2022b), p. 62.

25 James K. A. Smith, *Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos* (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020), p. 17.

26 Étienne Gilson, *Introdução ao estudo de Santo Agostinho* (São Paulo: Paulus, 2010), p. 272.

27 Gustavo Augusto da Silva, *De Homine in Civitate: a concepção antropológico-política de Agostinho de Hipona* (Porto Alegre: Editora Fi, 2022b), p. 63.

A ideia da vida como uma estrada a ser percorrida é adotada por Agostinho nas *Confessiones*, as quais descrevem um caminhar espiritual e terreno de sua existência até a conversão ao cristianismo. O hiponense se mostra extremamente letrado quando chega a Milão²⁸ para lecionar, contudo, se considerava infeliz e sem um porto seguro – o que faz parecer que isso lhe era importante desde sempre, independente das crenças²⁹. Isso vai ao encontro do que escreveu Marta Mendonça e Diogo Barbosa acerca da deficiência causada pelo uso exclusivo da razão como guia do eu; a razão sozinha não consegue ter uma apreciação total das coisas. «A razão, deixada a si mesma, é incapaz de uma completa apreciação do real. Sozinha, não consegue captar a realidade última das coisas, o seu núcleo íntimo e fundamental – a sua essência»³⁰.

Segundo Agostinho, é preciso voltar-se para dentro de si com o auxílio da razão e assim progredir³¹ na caminhada terrena e espiritual, porque é a vivência com nossa interioridade que proporciona os meios de conduzir a vida exterior³². Assim disse: «Não saís de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a Verdade habita no coração do homem»³³.

Nas *Confessiones*, Agostinho escreveu como estava perdido na caudalosa imensidade da existência³⁴; perdido sem mapa, sem

28 Cf. Peter Robert Lamont Brown, Santo Agostinho, uma biografia (Rio de Janeiro: Record, 2006).

29 Cf. Agostinho, *Confessiones*, I

30 Marta Mendonça; Diogo Moraes Barbosa, «É possível conciliar presciência divina e liberdade humana?: a resposta de Agostinho no De libero arbitrio», In Agostinho de Hipona: ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade, ed. Luís Evandro Hinrichsen; Paula Oliveira Silva (Porto Alegre: Letra & Vida, 2014), p. 73.

31 A utilização do termo «progredir» implica uma noção de progressão na jornada da existência em direção a Deus, diferentemente do viés positivista que associaria tal avanço a uma melhora moral. Na perspectiva do hiponense, simplesmente estar no caminho e reconhecer-se nele já constitui um tipo de progresso, tanto no âmbito interior quanto exterior do eu.

32 Cf. Nilo César Batista da Silva, As paixões da alma e as vicissitudes do desejo em Santo Agostinho (Curitiba: CRV, 2018).

33 Agostinho, *De Vera Religione*, VI, XXXIX, 72. «Noli foras ire, in teipsum redi; in interiore homine habitat veritas».

34 Agostinho, *Confessiones*, X, XVII, 26.

bússola e, aquele que não sabe onde quer chegar, tende a alojar-se em qualquer lugar. Se considerarmos a vida humana somente com base em sua manifestação externa, ela se tornará volúvel, uma vez que os sentidos externos avaliam apenas os aspectos físicos, que são caracterizados por sensações transitórias. No entanto, ao nutrir um anseio de aprofundar-se na experiência da vida interior e alcançar a Verdade, Agostinho reconhece na interioridade da alma uma atividade diretriz capaz de orientar a existência com equilíbrio e ordem.

Quando o homem pode se tornar uma incógnita para si mesmo? Talvez quando a visão que se obtém de si, de seu interior pode se encontrar turvada pelas paixões, portanto impedido de ver a si mesmo o espírito não se reflete no acesso a Verdade³⁵.

A doutrina agostiniana da interioridade não ignora o mundo exterior; em vez disso, utiliza-o como um ponto de referência crucial para se expressar abundantemente por meio da linguagem que descreve as experiências e a presença das coisas tangíveis. Quando a alma está em um estado de retidão, purificada por um desejo mais nobre, é capaz de suprimir muitos apetites relacionados aos tumultos emocionais. Conforme observado, a alma, em seus momentos de agitação, inicialmente é direcionada de fora para dentro de si mesma. No entanto, ela não se isola dentro de seu mundo interior nem se enclausura sem si, pelo contrário, faz um movimento de ascese. Assim escreveu Agostinho: «O homem interior renasce dia a dia, enquanto o homem exterior vai corrompendo. O homem interior, porém, contempla o homem exterior, e comparando-se a ele, acha-o feio»³⁶.

35 Nilo César Batista da Silva, *As paixões da alma e as vicissitudes do desejo em Santo Agostinho* (Curitiba: CRV, 2018), p. 102.

36 Agostinho, *De vera Religione*, XL, 74. «Ita renascitur interior homo, et exterior corrumpitur de die in diem. Sed interior exteriorem respicit, et in sua comparatione foedum videt».

Assim, nesse ensejo de aprofundar na ideia de uma psicologia da interioridade, percebe-se que a questão da Verdade não é tão clara e simples como se possa imaginar. Em um primeiro momento, a leitura desapercibida pode trazer a impressão de que Agostinho é apenas mais um continuador da doutrina das ideias de Platão. Contudo, o hiponense se mostra como filósofo que, talvez, mesmo sem clara pretensão, divergiu de seus antecessores gregos. A Verdade, para Agostinho, é única, pode ser associada com a figura de Deus. Não obstante, o mundo material criado também possui seu aspecto fidedigno à Verdade eterna. Tudo é volúvel, porque não é pleno do ser, mas possuir vestígios da deidade já mostra a inclinação dos indivíduos à plenificação.

Nesse sentido, o homem interior é aquele que, na ordem de suas ações, busca a felicidade conforme a hierarquia dos bens para a edificação de sua vida. Para tal, é a razão que exercerá a tarefa de observação e reflexão da hierarquia da criação para deliberar as vontades do homem, porque, devido à condição mutável dos indivíduos, a vontade oscila em seus movimentos³⁷.

Outrossim, o modo de acesso à Verdade pode acontecer de formas variadas. Agostinho, em suas obras, construiu um esquema que partia da realidade do mundo material em um movimento de ascese espiritual. Como comenta Guillermo Fraile e Teófilo Urdanoz: «Do exterior para o interior e do interior para o superior. Isto é, ir das coisas corporais para as superiores e incorpóreas»³⁸. Na arte, esse movimento ascético pode ser representado por duas pinturas bastante conhecidas dos estudiosos de Agostinho: *A conversão de Santo Agostinho*, de Fra Angelico (figura 1), e *Santo Agostinho*, de Philippe de Champaigne (figura 2).

37 Gustavo Augusto da Silva, *A essência da música é a interiorização do cosmos: Sobre a experiência musical em Agostinho de Hipona* (São Paulo: Pimenta Cultural, 2023), p. 54.

38 Guillermo Fraile; Teófilo Urdanoz, *Historia de la Filosofía* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986), p. 206.

Figura 1: A conversão de Santo Agostinho (1430)³⁹



Detalhe



Fonte: Fra Angelico (1387-1455), Musée d'Art Thomas Henry. Disponível em: <<https://collections.musees-normandie.fr/ark:/16418/mth1159805>>. Acessado em 30 de out. de 2023.

39 Imagem em domínio público.

Figura 2: Santo Agostinho (1645)⁴⁰

Fonte: Philippe de Champaigne (1602-1674), Los Angeles County Museum of Art. Disponível em: <<https://collections.lacma.org/node/171584>>. Acessado em 30 de out. de 2023.

40 Imagem em domínio público.

Fra Angelico, frade dominicano e pintor renascentista italiano do século XV, se concentrou no momento crucial da conversão Agostinho. Aqui, a Verdade é representada de maneira interna e pessoal; o recorte (figura 1) mostra Agostinho em um estado de autorreflexão profunda. Ele não está olhando para um livro ou para algo externo, mas para dentro de si, enquanto ouve a voz divina que dizia: «Pega, lê, pega, lê»⁴¹. A Verdade não é algo externo que deve ser alcançado, mas algo que precisa ser descoberto dentro de si.

Philippe de Champaigne, francês do século XVII, é conhecido por sua abordagem clássica e influenciada pela arte barroca. Sua pintura de Agostinho é um exemplo desse estilo. O hiponense é apresentado como um homem mais velho, com uma expressão contemplativa e profunda, assim como na pintura de Fra Angelico. No recorte apresentado acima (figura 2) sua mão segura uma caneta, o que sugere seu papel como teólogo e filósofo. A Verdade, neste contexto, é simbolizada pela busca intelectual e atividade ascética. A luz suave que incide sobre Agostinho pode ser interpretada como a iluminação divina que clareia sua mente e o guia em sua busca pela Verdade. Nessa representação, a Verdade é vista como algo superior e transcendente, algo que Agostinho busca alcançar por meio de uma iluminação na razão.

As duas formas de ilustração são complementares e traduzem o itinerário agostiniano para uma espiritualidade. Apesar de ser em formato hierárquico, acredita-se que o caminho de ascese rumo à Verdade não é retilíneo e as *Confessiones* mostram como Agostinho foi tortuoso em sua estrada. Nas palavras de Smith⁴² (2020) é uma psicologia cartográfica; Agostinho nos mostra que o desafio de uma vida interior é mapear nossa tendência ontológica a procurar o amor

41 Agostinho, *Confessiones*, VIII, XII, 29. «Tolle lege, tolle lege».

42 Cf. James K. A. Smith, Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020).

em todos os lugares. Em recordação da filosofia de *uti et frui*, sim, o amor está em todos os lugares, mas sua pergunta é: o que busco quando amo tudo, sem que o fim seja o próprio amor? É preciso buscar viver em uma posição intermediária, o homem não é anjo, mas não é animal irracional. Assim, «Agostinho é um cartógrafo do coração»⁴³.

Essa imagem fática de Agostinho como um homem de idade, sábio e bispo – como inúmeras outras representações congêneres à figura 2 – distancia o leitor do Agostinho das *Confessiones*, cujo desejo era mostrar justamente uma espiritualidade para os realistas. A conversão de Agostinho não foi súbita, nunca foi arrebatado como outros santos e com alguns poucos episódios de visões sobrenaturais. Não que isso desqualifique nem qualifique sua atribuição como santo e doutor da Igreja, mas a vivência terrena de Agostinho nos mostra uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos. A autobiografia de Agostinho mostra uma jornada que não desfaz do passado, é um viajante com um mapa em branco. Na maturidade de seus escritos, declarou que, encontrar o lugar que deve procurar, já é ter encontrado algo⁴⁴. Assim, ao final desse ensejo, a metafísica do eu pode ser compreendida através de uma psicologia cartográfica, uma interiorização do mundo corpóreo à harmonia da unidade; uma unidade na multiplicidade criada. Acima do juízo da razão sobre as coisas há um excesso inesgotável da ideia do Ser, o Verbo para além dos verbos.

Ideias conclusivas

Teresa de Lisieux se perguntou por que Deus teve predileções e «quis acariciar desde o berço até o túmulo, não deixando, à sua passagem, nenhum obstáculo que os impedisse de se elevar para

43 James K. A. Smith, Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020), p. 46.

44 Cf. Agostinho, *De Trinitate*, XVIII, X, 14.

ele»⁴⁵. Definitivamente, Agostinho não foi dileto por Deus, ao menos não nesses moldes. Teresa também ficou espantada ao observar Deus «prodigalizar favores extraordinários a santos que o ofenderam»⁴⁶. Bem, Agostinho é do segundo motivo de espanto, ele assume suas ofensas a Deus nas *Confessiones* e ao longo da vida isso é rememorado para fins pedagógicos e espirituais.

Segundo Agostinho, a condição humana é impregnada de uma tenacidade, algo que está para além de nossas esperanças de chegar em um porto seguro. Por isso Deus não alivia magicamente as provocações ao longo da jornada. Agostinho buscou responder e viver uma pergunta essencial para compreendermos a psicologia cartográfica: «o que significa pertencer completamente a mim mesmo?»⁴⁷. Essa ideia de pertencimento próprio é muito legítima, mas sua resposta deve ser respondida com bastante cautela. Pela reflexão agostiniana o homem pertence a si mesmo na medida em que entende e interioriza que sua existência é tangenciada por uma falta, uma mutabilidade ontológica⁴⁸. Nesse sentido, Deus, como sustentáculo do ser, não teve seus prediletos, mas todo aquele que se voltou para si, obteve acesso a ele.

Parece-nos que existe mais de um modo de estar na estrada. As metáforas utilizadas ao decorrer desse trabalho nos serviram como peças ilustrativas do trinômio *Exterior-Interior-Superior*, elucidadas como o *mapa*, a *reflexão* e a *ascese*, respectivamente. Assim, uma posição intermediária funciona como um espaço dinâmico de movimento. Somos levados em duas direções diferentes – como trabalhado anteriormente, uma força centrípeta e outra centrífuga – e a questão é como se guiar no mapa em branco.

45 Teresa de Lisieux, História de uma alma, manuscrito «A» (São Paulo: Paulus, 2018), p. 49-50.

46 Teresa de Lisieux, História de uma alma, manuscrito «A» (São Paulo: Paulus, 2018), p. 49.

47 James K. A. Smith, Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020), p. 60.

48 Cf. Agostinho, *Confessiones*, VII, XI, 17.

Assim, como um refugiado exausto, cansado da vulnerabilidade da caminhada na estrada, também almejamos um descanso. Nas palavras de Agostinho, há uma alegria – no sentido de uma felicidade autêntica – ao encontrar Deus e identificá-lo como depositário ontológico da existência⁴⁹. Não é uma alegria de um mero retorno, mas, justamente, a alegria do refugiado que encontrou um lar. A inquietação de Agostinho ia além de sua distância de Deus, «como ele nos conta em suas *Confessiones*, mas também das lutas internas de uma pessoa na qual duas culturas, duas heranças, duas visões de mundo se chocaram e se misturaram — em resumo, de um mestiço»⁵⁰ (González, 2016).

Destarte, ao fim desse ensaio, as *Confessiones* de Agostinho funcionam para além de uma obra filosófico-literária que fala do Eu; Agostinho está longe de negar seus erros morais passados ou acatar um determinismo ontológico para justificar suas escolhas. Antes disso, é um pensador honesto sobre o caminho que trilhou em seu mapa da existência. Ao contrário de algumas outras leituras possíveis, nossas conclusões são que o hiponense não nega a ideia de que no mundo material há verdades imutáveis que fazem parte da ordem do mundo, como a existência dos números e a construção musical. Essas outras verdades funcionam cada uma ao seu modo e as usamos para fruir da Verdade.

No relato de Agostinho sobre sua jornada no mapa da existência, o filósofo mostra um dilema existencial bastante importante para a construção de uma «espiritualidade vivencial»⁵¹ que talvez continue a existir entre nós: a dificuldade de se sentir perdido e quebrado por dentro, mas ainda assim, continuar funcional. Enquanto ministrava aulas em Milão e se aventurava em prostíbulos em Cartago, por

49 Cf. Agostinho, *De beata vita*, IV.

50 Cf. Justo L. González, *The Mestizo Augustine: A theologian between two cultures* (Downers Grove: InterVarsity Press, 2016).

51 Cf. José Reinaldo F. Martins Filho, «Mística e espiritualidade vivencial na literatura de Cora Coralina», *Revista Caminhos*, n. 2, v. 21 (2023), acessado em 20 de nov. de 2023. Doi: <<https://doi.org/10.18224/cam.v21i2.13379>>.

dentro se sentia só. A ressignificação da solidão e o entendimento de sua jornada foram abordados nas *Confessiones* como uma tentativa de construção de uma psicologia do eu, pautada sobre os ombros de seus antecessores, mas preenchida com uma carga pessoal – o que se considera aqui, a maior contribuição de Agostinho para o campo da metafísica da interioridade.

Bibliografia

- Abbagnano, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- Agostinho. *A doutrina Cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- Agostinho. *A Trindade*. Tradução e introdução Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.
- Agostinho. *A verdadeira Religião*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- Agostinho. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammì. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.
- Agostinho. *Sobre a vida feliz*. Tradução de Enio Paulo Giachini. São Paulo: Vozes, 2014.
- Agostinho. *Solilóquios*. Tradução de Antonio A. Minghetti. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- Alici, Luigi. «Intencionalidade». In: *Agostinho através dos tempos*, editado por Allan D. Fitzgerald, 556-557. São Paulo: Paulus, 2018.
- Brown, Peter Robert Lamont. *Santo Agostinho, uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- Fleteren, Frederick Van. «Platão/Platonismo». In: *Agostinho através dos tempos*, editado por Allan D. Fitzgerald, 786-789. São Paulo: Paulus, 2018.

- Fraile, Guillermo; Urdanoz, Teófilo. *Historia de la Filosofía*. 4. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986. v. 2.
- Gilson, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2010.
- González, Justo L. *The Mestizo Augustine: A theologian between two cultures*. Downers Grove: Inter Varsity Press, 2016.
- Lisieux, Teresa de. História de uma alma, manuscrito «A». Tradução: Monjas do Carmelo do Imaculado Coração de Maria e Santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 2018.
- Martins Filho, José Reinaldo F. «Do problema do mal à alegria de ser como dom: um comentário ao De libero arbitrio de Agostinho». *Brasiliensis: Revista do Centro de Estudos Filosófico-Teológicos Redemptoris Mater*, n. 13, v. 7 (2018): 49-91.
- Martins Filho, José Reinaldo F. «Mística e espiritualidade vivencial na literatura de Cora Coralina». *Revista Caminhos*, n. 2, v. 21 (2023): 380-404. Acessado em 20 de nov. de 2023. Doi: <<https://doi.org/10.18224/cam.v21i2.13379>>.
- Mendonça, Marta; Barbosa, Diogo Morais. «É possível conciliar presciência divina e liberdade humana?: a resposta de Agostinho no *De libero arbitrio*». In: *Agostinho de Hipona: ensaios sobre Deus, liberdade e comunidade*, editado por Luís Evandro Hinrichsen; Paula Oliveira Silva, 71-84. Porto Alegre: Letra & Vida, 2014.
- Nodari, Paulo César. «A doutrina das ideias em Platão». *Revista de Filosofia Síntese*, n. 101, v. 31 (2004): 359-374. Acessado em 14 de nov. de 2023. Doi: <<https://doi.org/10.20911/21769389v31n101p359-374/2004>>.
- O'Donnell, James. *Augustine: A new biography*. New York: Harper Collins Publishers, 2006.

- Pieretti, Antonio. «Conhecimento». In: *Agostinho através dos tempos*, editado por Allan D. Fitzgerald, 264-267. São Paulo: Paulus, 2018.
- Pondé, Luiz Felipe. «O olhar da graça». In: *Confissões Vol. 1*, Agostinho de Hipona, 11-15. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Petra, 2020.
- Silva, Gustavo Augusto da. «Um coração inquieto: Agostinho de Hipona e as *Confessiones*, uma espiritualidade vivencial». In: *EspiritualidadeS: múltiplos olhares*, editado por Clóvis Ecco; José Reinaldo F. Martins Filho, 120-137. Porto Alegre: Editora Fi, 2022a.
- Silva, Gustavo Augusto da. *A essência da música é a interiorização do cosmos: sobre a experiência musical em Agostinho de Hipona*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.
- Silva, Gustavo Augusto da. *De Homine in Civitate: a concepção antropológico-política de Agostinho de Hipona*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022b.
- Silva, Nilo César Batista da. *As paixões da alma e as vicissitudes do desejo em Santo Agostinho*. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- Smith, James K. A. *Na estrada com Agostinho: uma espiritualidade do mundo real para corações inquietos*. Tradução de Elisamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.
- Swift Taylor. *You're On Your Own, Kid*. New York: Republic Records, 2022.

Enviado: 6 de março de 2024
Aceptado: 3 de agosto de 2024

